



Correspondência para  
Rua da Cascalheira, 9 — LISBOA  
COMPOSTO E IMPRESSO NA  
A POLIGRÁFICA — R. de Alcântara, 52-3 — LISBOA

COORDENADO  
POR  
António Sérgio

NÚMERO 28  
JANEIRO 1956  
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

A meio  
de 1954 as  
perspecti-

## AO COMEÇAR UM NOVO ANO

vas de trabalho não eram de forma alguma animadoras. A suspensão do *Boletim* durante quase dois anos quebrara à nascença o espírito de intercâmbio cooperativo e o esforço federativo que então começava a desenvolver-se.

Apenas as Juntas de Compras do Norte e de Lisboa mantinham um trabalho profundo, mas apagado, com ténues relações de intercâmbio cooperativo.

As trevas do isolamento começavam de novo a baixar sobre as cooperativas portuguesas.

O reaparecimento do *Boletim* por iniciativa da Junta de Compras de Lisboa, veio dar novo alento ao trabalho persistente das Juntas de Compras e projectar de Norte a Sul do País as vantagens inegáveis deste trabalho bem como a sua resultante imediata: o armazém abastecedor.

A pouco e pouco as cooperativas começaram a romper o seu isolamento, a treva começou a dissipar-se e as visitas de delegados e propagandistas a vários pontos do País tornaram mais consciente a necessidade de um trabalho conjunto, orgânico e planificado.

As sessões de propaganda, projecções de filmes e outras actividades culturais despertaram o interesse das massas associativas que em breve manifestaram

a sua confiança na orientação para a unidade que progressivamente se afirmava. A constituição definitiva da União Cooperativa Abastecedora (UNICOOPE) veio coroar o esforço até então desenvolvido.

Desta forma o ano de 1956 inicia-se com diferentes perspectivas, pois se torna possível dar forma orgânica e estável às actividades convergentes que até agora se desenvolveram.

O movimento cooperativo de consumo passa a poder expressar-se através de um organismo federativo, democraticamente organizado e com uma estrutura estável.

Na «Unicoope» a orientação cabe às cooperativas associadas por intermédio dos seus delegados, representantes dos consumidores.

Ergue-se desta forma a possibilidade de se estruturar um movimento orgânico de democracia indirecta, capaz de defender com continuidade e eficácia os interesses dos consumidores associados.

Os objectivos a que a «Unicoope» se propõe podem ser atingidos mais ou menos rapidamente conforme o apoio que lhe for prestado pelas diferentes cooperativas. Da reacção a circular que foi enviada a todas as cooperativas e que reproduzimos neste número, dependerá o futuro desta nova iniciativa.

### OBJECTIVOS DA «UNICOOPE»

- 1.º — Unir as sociedades de consumo verdadeiramente cooperativas. *Expressar a vontade dos consumidores como tais.*
- 2.º — Defender o ideal cooperativo e fomentar o estudo e divulgação de soluções para problemas portugueses através da imprensa, edições, rádio, cursos e congressos. *Popularizar a educação cooperativa.*
- 3.º — Manter o princípio de neutralidade política. *O cooperativismo é obra dos cooperadores.*
- 4.º — Organizar compras em comum das sociedades aderentes pela aquisição directa ao produtor. *Eliminar o lucro dos intermediários, pelo funcionamento de um Armazém grossista.*
- 5.º — Procurar, logo que possível, adquirir meios de produção, quer criando fábricas e granjas, quer adquirindo acções de empresas capitalistas, já existentes. *A produção deve desenvolver-se de acordo com os interesses do consumidor.*
- 6.º — Procurar auxiliar financeiramente ou obter subsídios do Estado para as cooperativas de consumo. *Preconizar portanto a criação de uma caixa de Crédito Cooperativa.*
- 7.º — Salvaguardar os interesses cooperativos dos consumidores nas questões legislativas e jurídicas através de um Conselho Jurídico. *Elaborar um Código Português do Cooperativismo.*
- 8.º — Colaborar com os movimentos cooperativos no estrangeiro. *Realizar, por isso, a sua adesão à Aliança Cooperativa Internacional.*



# COOPERATIVISTA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
LARGO DA PAZ, 22-A — LISBOA

COORDENADO POR  
ANTÓNIO SÉRGIO

N.º 72 — SETEMBRO, 1959  
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

## As cooperativas devem apoiar mais efectivamente a UNICOOPE

Por JOAQUIM NUNES GANHÃO  
(da Coop. Almadense)

Segundo informação que até a mim chegou, parece estar para breve a filiação no Grémio dos Armazenistas de Merceria do Sul, da «Unicoope», União Cooperativa Abastecedora, o armazém das cooperativas associadas.

Por razões que pecaram sempre por falta de lógica, foi até agora negada a sua filiação no Grémio, apesar de possuir as condições exigidas por lei.

Com esta negativa obstinada e demonstrativa de má vontade e até de falta de

respeito por uma organização considerada de utilidade pública, pelo Governo da Nação, visto que às cooperativas são concedidas facilidades como, por exemplo, a isenção de pagamento da contribuição industrial não se pode portanto conceber que se tenha mantido este estado de coisas até ao presente.

Uma organização que conta já no seu seio com milhares de associados de várias condições sociais, mas na sua maioria de condição bem modesta, não pode estar sujeita aos caprichos interesseiros duma minoria que não pode nem deve sobrepor-se àquela.

As cooperativas de consumo associadas, «Unicoope», tem direito a um lugar ao sol, e neste caso é a sua filiação no Grémio de Armazenistas, não só pelo número elevado de associados que representa mas também pelo sentido humanitário da sua obra em prol do semelhante.

Cada dia que passa maior vai sendo a força desta organização porque em grande número, como em torrente caudalosa, se dirigem indivíduos a pretenderem entrar para sócios das cooperativas atraídos não só pelos processos honestos ali praticados mas também indubitavelmente esclarecidos das vantagens que lhes advém do cooperativismo.

Estes indivíduos sabem que lhes são fornecidos pelas cooperativas de consumo, géneros alimentícios da melhor qualidade, assim como calçado, vestuário, etc., etc., tudo ao preço do mercado corrente, podendo ainda contar no fim do ano e consoante os seus consumos com o bónus ou retorno, que em muito vem atenuar as dificuldades financeiras com que se debatem.

Além destas vantagens há já cooperativas a proporcionarem aos seus associados assistência médica a baixíssimos preços por in-

(Continua na página 6)

## Cooperativa Operária Portalegrense

por CASIMIRO MOURATO  
Professor e publicista

Velha, de sessenta e um anos, esta Cooperativa tem tido, naturalmente, fases de progresso e outras de retrocesso.

O facto depende, essencialmente, da boa vontade e competência dos corpos gerentes e também da lamentável ausência do espírito associativo que na nossa cidade de Portalegre se manifesta como endemia característica.

Ora numa ora noutra dessas fases, a Cooperativa Operária Portalegrense tem singrado e ainda no dia 29 de Abril de 1958 festejámos o sexagésimo ano da sua fundação. E lá tivemos ocasião de contar aos consócios mais novos como foi o nascimento e a vida da Cooperativa. Nasceu da boa vontade de sócios que numa modesta casa da hoje Rua Cândido dos Reis, orientados por Manuel Maria Ceia, guarda-livros de empresas fabris, começaram pelo fabrico de pão. Uma subscrição entre esses operários deu a importância necessária para a aquisição de uma saca de farinha. Panificada esta, vendido o pão, eles compraram outra saca de farinha. E assim teve a sua origem esta Cooperativa.

Claro que logo que o dinheiro chegou para tal, outros géneros compraram. E então aconteceu o desenvolvimento da sociedade, não tardando a entrada de outros sócios.

Quando as reservas já o permitiam, a sociedade mudou de sede. Quando essas reservas o consentiram foi construído um belo

(Continua na página 7)

## Horizonte

«A LINHA DE SINTRA» (com sede na Amadora) — a mais jovem cooperativa de consumo — manifesta vitalidade imensa, que convém desde já salientar pelo significado que realmente tem para nós, cooperadores, confiantes nas possibilidades do Povo Português.

EM PRIMEIRO LUGAR, a sua criação resultou da constituição inicialmente de duas comissões — uma de operários, e outra de empregados de escritório —, que vieram a fundir-se, demonstrando pelo trabalho de cooperação realizado que, em cooperativismo, não há verdadeiramente distinção de classes: todos estão em pé de igualdade, desempenhando cada um as funções em que são mais aptos.

ANTIGOS DIRIGENTES — de cooperativas mais velhas — deram incondicional apoio: quotidianamente lá estavam a dar a sua experiência, provando a solidariedade do nosso movimento.

ESPÍRITO NOVO é o desta cooperativa, que se criou logo com 260 associados; os seus dirigentes adoptam novos processos (como o do pré-empacotamento); e já se encontram associados ao movimento pela sua adesão à Unicoope.

## “A Linha de Sintra” — a mais jovem cooperativa

Em 1 de Julho próximo passado, foi fundada a Cooperativa de Consumo «A Linha de Sintra» com sede na Amadora — Avenida Miguel Bombarda, 58.

Nós a saudamos, confiantes no seu rápido progresso, confiantes nas possibilidades de realização da sua massa associativa, que consciente dos princípios cooperativos forjará uma boa organização de emancipação económica, um centro de convivência fraterna, uma escola viva de entreejada e civismo.



# COOPERATIVISTA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
CALÇADA DA TAPADA, 163, 1.º — LISBOA-3  
TEL. 63 26 49

COORDENADO POR  
**ANTÓNIO SÉRGIO**

N.º 82 — JULHO, 1960  
PUBLICAÇÃO MENSAL  
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

## O «BOLETIM COOPERATIVISTA» SAÚDA OS COOPERADORES DE TODOS OS PAÍSES NA PASSAGEM DO 38.º DIA MUNDIAL DA COOPERAÇÃO

Todos os anos os cooperadores do Mundo inteiro celebram o seu dia, o Dia Mundial da Cooperação, no primeiro Domingo de Julho.

Este ano, portanto, é 3 de Julho a

### UMA CAMPANHA EM MARCHA...

Está a erguer-se a Sede da Cooperativa  
«A LINHA DO ESTORIL»

**DE MÃOS DADAS, TODOS GUIADOS  
PELO MESMO PENSAMENTO, VAMOS  
AJUDAR OS NOSSOS AMIGOS  
DE «A LINHA DO ESTORIL» A  
ERGUER A SEDE SOCIAL DE MAIS  
UMA COOPERATIVA**

Os Cooperadores de «A Linha do Estoril» estão de parabéns.

A sua Cooperativa vai ter uma Sede que satisfaça integralmente os desejos dos seus associados. Dentro em breve os sócios têm ao seu dispor uma Cooperativa moderna, higiénica e eficiente.

Amigos Cooperadores de Portugal vamos ajudar a erguer este baluarte do Cooperativismo, porque a Cooperativa «A Linha do Estoril» é ainda muito jovem para, só por si, erguer esta obra.

Todos podem ajudar dentro das suas possibilidades, contribuindo para a Campanha de Cimento Pró-Sede de «A Linha do Estoril».

Amigos directores de Cooperativas filiadas e não filiadas da Unicoope, abram listas entre os vossos associados, recolhendo os óbulos que os mesmos queiram oferecer. De migalha a migalha, a sede da Cooperativa «A Linha do Estoril», será uma realidade.

Conforme forem fechando as listas as mesmas devem ser remetidas ao sr. Júlio Duarte, tesoureiro da Unicoope, que as fará chegar à Comissão da nova sede de «A Linha do Estoril».

Os nomes dos ofertantes serão mencionados no «Boletim».

Vamos seguidamente transcrever a primeira lista de ofertas, recolhidas pelo nosso amigo Júlio Duarte no dia do lançamento da primeira pedra.

(Continua na página 6)

data escolhida para festejar o 38.º Dia Mundial da Cooperação.

Nele, como habitualmente, os cooperadores passam em revista a obra cooperativa que realizaram no ano decorrido e prometem-se novos êxitos, novas conquistas de uma vida melhor na Paz e na Amizade entre os homens e mulheres de todas as raças e de todos os credos políticos e religiosos.

O Dia Mundial da Cooperação é, por esse facto, sempre uma jornada de Fraternidade e de Sementeira.

Este ano os cooperadores sentir-se-ão mais uma vez contentes e orgulhosos. Contentes das vitórias conseguidas e orgulhosos do poder do seu auxílio aos povos sub-desenvolvidos da África e da Ásia, os quais crêem hoje ser a cooperação uma das pedras fundamentais da

sua emancipação económica e de um nível de vida mais digno.

Também nesse dia os 140 milhões de cooperadores na Aliança Cooperativa Internacional saudarão justamente agraçados e com entusiasmo a Direcção deste organismo que, com o grande cooperativista Marcel Brot na vanguarda, lhes ensinou o caminho do engrandecimento e das realizações felizes e fez reconhecer pelas Nações Unidas a sua valiosa contribuição para a Paz e o melhoramento da vida dos povos atrasados.

O «Boletim Cooperativista», no Dia Mundial da Cooperação, saúda também a Direcção da Aliança Cooperativa Internacional e, nela, os cooperadores de todo o Mundo, augurando-lhes um novo ano de grandes êxitos.



O Sr. Capitão Mário Belo de Carvalho numa atmosfera de intensa vibração cooperativista corta a fita simbólica





REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
CALÇADA DA TAPADA, 163, 1.º — LISBOA-3  
TEL. 63 26 49

COORDENADO POR  
**ANTÓNIO SÉRGIO**

N.º 83 — AGOSTO, 1960  
PUBLICAÇÃO MENSAL  
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

## 38.º DIA MUNDIAL DA COOPERAÇÃO

### DECLARAÇÃO DA ALIANÇA COOPERATIVA INTERNACIONAL

A Aliança Cooperativa Internacional, dirigindo-se às organizações filiadas e aos 150 milhões de membros em 48 países,

- lembra que o Dia Cooperativo Internacional foi instituído em 1923 a fim de permitir aos cooperadores de todos os países o manifestar a sua vontade unânime de trabalhar pelo melhoramento das condições económicas e sociais dos povos;
- proclama a marcha ascendente de milhões de homens e mulheres dos países em via de desenvolvimento para a libertação do domínio estrangeiro e para a sua responsabilidade no progresso e bem-estar social;
- reafirma o valor da Cooperação como sistema económico e social capaz de dar aos povos que despertam a possibilidade de abandonar tradições antigas e progredir no mundo moderno;
- faz apelo aos cooperadores das nações industrializadas para que pelas suas contribuições assegurem ao programa de assistência técnica da A. C. I. uma ajuda generosa que permita aos que lutam com recursos ínfimos elevar o seu nível de vida e conseguirem uma existência digna;
- declara a sua fé inquebrantável nos princípios cooperativos para a organização da vida económica e social das nações e as trocas de bens e de serviços; princípios que devem servir de fundamentos essenciais para organizar uma ordem mundial que garanta a paz e a segurança à humanidade inteira.

## As Cooperativas e a defesa da saúde dos consumidores

VASCO DE CARVALHO

Frequentemente a Imprensa relata casos impressionantes de atentados contra a saúde pública, levados a efeito por negociantes mal intencionados, ou muito inconscientes quer dos perigos das suas mixórdias e produtos deteriorados, quer do seu papel na organização do comércio.

Parte da Imprensa tem ainda noticiado os esforços das autoridades para evitar que aqueles produtos sejam consumidos pela população, e para obstar a que os mixordeiros continuem a sua acção criminosa. A mesma Imprensa, porém, constata que estes esforços não têm sido suficientes e que as penas impostas pelos tribunais respectivos não bastam para fazer recuar os comerciantes que atentam contra a saúde pública.

As Cooperativas de Consumo não podem alhear-se deste grave problema, visto que não devem limitar-se a distribuir pelos associados os géneros de que estes necessitam e a reservar-lhes o retorno anual: têm também

de velar pela sua saúde procurando apenas entregar-lhes produtos de boa qualidade.

Para que as Cooperativas possam actuar convenientemente neste sentido necessitam de possuir laboratórios próprios e serviços competentes de recepção dos alimentos.

É pela utilização dos seus laboratórios de análise e de serviços técnicos competentes que as organizações cooperativas de vários países, cooperativamente mais desenvolvidos, exercem a sua vigilante defesa dos consumidores.

Recordemos, como já foi noticiado neste jornal, que no ano passado se reuniram em Hamburgo, sob o patrocínio da Aliança Cooperativa Internacional, os chefes de laboratório de 15 organizações cooperativas nacionais, para tratar da influência que exercem, na saúde dos consumidores, as substâncias e os tratamentos usados para melhorar a apresentação e conservar os alimentos.

## Horizonte

OS COOPERADORES DA FRANÇA REUNIDOS EM CONGRESSO, há dois meses, verificaram a enorme importância da concentração cooperativa na defesa dos consumidores, em face da evolução do comércio que dificilmente as pequenas sociedades podem acompanhar.

OS PROGRESSOS NOTÁVEIS REGISTRADOS pela Cooperação em França nos últimos anos alicerçam-se na fusão das sociedades cooperativas locais.

A CONCENTRAÇÃO COOPERATIVA é, assim, encarada como necessidade inadiável para se poder acompanhar a formação de grandes sociedades comerciais que se desenvolvem rapidamente, ultrapassando fronteiras e estruturando-se a partir de grandes unidades produtoras.

AS COOPERATIVAS PORTUGUESAS DE CONSUMO, embora em escala diferente, devem encarar com seriedade as mesmas preocupações e reforçar as suas sociedades federativas — UNICOPE e JUNTA DE COMPRAS DO NORTE — para que elas, engrandecendo-se e aumentando o seu potencial, possam lançar-se em empreendimentos cada vez mais vantajosos para os consumidores associados.

É evidente que uma acção tão importante requer meios de que só podem dispor as grandes organizações cooperativas, — quase sempre centrais cooperativas — pois não é viável que as sociedades pequenas e médias possam equipar-se e possuir técnicos para efectuar convenientemente a recepção dos alimentos.

Estes factos aliados à necessidade de olhar mais ampla e profundamente pela saúde dos consumidores associados devem incitar as cooperativas a reunirem-se em organizações centralizadas e portanto mais poderosas.

A Unicoope e a Junta de Compras do Norte devem ser encaradas como pontos de partida para se estabelecer o serviço coope-



# COOPERATIVISTA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
CALÇADA DA TAPADA, 163, 1.º — LISBOA-3  
TEL. 63 26 49

COORDENADO POR  
**ANTÓNIO SÉRGIO**

N.º 84 — SETEMBRO, 1960  
PUBLICAÇÃO MENSAL  
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

## TERRÍVEIS DE FÉ

### Impressões de um novo colhidas na Assembleia Geral de apresentação de contas da Unicoope

por **LEONEL ALBINO DA SILVA**  
(Da Cooperativa da Fábrica da Pólvora de Barcarena)

«Aos trinta e um dias do mês de Junho do ano de mil novecentos e sessenta, pelas quinze horas e trinta minutos, na sede da Cooperativa CAIXA ECONÓMICA OPERÁRIA», etc., etc., deve, naturalmente ser o termo de abertura da Acta da Assembleia Geral da «UNICOOPE», na qual foram apresentadas as contas, relatórios e pareceres do Conselho Fiscal e referentes aos exercícios dos anos de 1958 e 1959.

Quando, passadas as gerações que assistiram a esta Assembleia Geral, for lida, por curiosidade ou estudo sobre o movimento Cooperativista em Portugal, a acta respectiva, talvez que os vindouros não façam o justo juízo do que ela foi.

Tentar descrevê-la pela pena de um modestíssimo colaborador do Cooperatismo, como nós, seria demonstrar demência. E porquê?

Difícil a resposta. Aquilo que mais se sente é também o que menos se consegue traduzir por palavras porque os momentos mais emocionantes como os momentos mais belos da natureza são quase intraduzíveis e indescritíveis por palavras.

Limitar-nos-emos a uma tentativa de resumo de impressões recolhidas em tão memorável jornada de Cooperativismo.

É assim que consideramos esta Assembleia Geral da UNICOOPE, em que a sua Direcção composta por uma falange de homens de vontade de ferro e de fé inquebrantável, que nos valeu no momento de despedida a expressão de que eram «terríveis de Fé».

Esta expressão escapou-nos num momento de entusiasmo, influenciados pela euforia da ocasião. Mais reflectidamente pensámos que teria sido disparatada; contudo, pelo caminho de regresso à nossa Cooperativa, reconsiderámos e acabámos de concordar connosco. Ela trazia sinceramente a impressão provocada em nós pelo que vimos e ouvimos.

Sim! A Direcção da UNICOOPE é composta de homens «terríveis de Fé».

Terríveis de Fé para os fracos, os comodistas, os desinteressados, os egoístas — aconselhando, vergastando, estimulando, repreendendo. Terríveis de Fé para os discípulos, os colaboradores, os inexperientes, os indecisos — ensinando, ajudando, entusiasmando, enfim, encaminhando.

Ao ouvirmos Desidério Costa, Júlio Duarte, o Presidente da Direcção e outros, e até con-

(Continua na página 7)

## 43.ª E 44.ª ADESÕES À «UNICOOPE»

A Direcção da «UNICOOPE» admitiu no mês de Agosto a filiação de mais duas cooperativas: «COOPERATIVA DOS OFICIAIS DO REGIMENTO DE INFANTARIA 14», Viseu.  
«A FAMILIAR» — Sociedade Cooperativa de Pão de Crédito e Consumo.

## DA COOPERATIVA DA FOZ DO DOURO

### O DIA INTERNACIONAL DA COOPERAÇÃO

por **MÁRIO GODINHO**

(Da Comissão Cultural da Cooperativa da Foz do Douro)

Por sugestão da Junta de Compras do Norte às Sociedades que a constituem, a Comissão Cultural da Cooperativa da Foz do Douro promoveu, em colaboração com os corpos directivos, no passado dia 12 de Julho, comemorando o Dia Internacional da Cooperação, um colóquio subordinado aos interessantes temas:

- Organização Interna das Cooperativas;
- Dirigentes e Funcionários;
- Interesse dos Sócios pela sua Cooperativa e pelo Movimento em Geral.

Presidiu Júlio de Sousa Santos, digno presidente da Assembleia Geral da Cooperativa da Foz, que se fez ladear por António Abrantes, presidente da Direcção da Cooperativa de Lordelo do Ouro, em representação das Sociedades aderentes à Junta, e António Neves, sócio n.º 1 da Cooperativa organizadora do Colóquio.

Após breves palavras de abertura da Sessão proferida por Júlio de Sousa Santos, Alberto Carneiro leu um seu interessante trabalho acerca do Dia Internacional da Cooperação, man-

(Continua na página 8)

# B OLETIM COOPERATIVISTA



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:  
Rua do Cruzeiro, 1 - Telef. 63 26 49 - Lisboa-3

COORDENADO POR  
ANTÓNIO SÉRGIO

N.º 125 / MARÇO / 1964  
Publicação mensal - Distribuição gratuita

## Um Congresso Cooperativista para 1965

### Carta aberta aos cooperativistas portugueses

por GOMERCINDO CARVALHO  
(da Coop. Piedense)

Sei que na mente de alguns vândidos cooperativistas portugueses germina a ideia da realização de um *Congresso Cooperativista* para 1965.

Desde já desejo expressar aqui a minha entusiástica adesão a tão necessária quanto urgente iniciativa, pois creio-a capaz de dar um valioso contributo à luta que alguns travam para vencer o marasmo em que, de certo modo, o nosso movimento se mantém.

Raros entre nós, cooperadores, têm uma noção válida acerca do movimento em que estão integrados, e isso, quanto a mim, é uma das razões fundamentais que prejudicam o seu progresso.

O conhecimento de que a acção dos homens é tanto mais válida quanto mais válidas forem as suas ideias, parece de fácil assimilação, mas a prática do dia a dia mostra-nos que assim não é. A maioria dos cooperadores vivem alheados das iniciativas culturais, único pro-

cesso de fomentar o desenvolvimento das ideias que, esclarecidas, levariam a uma acção igualmente esclarecida.

Porém, o mais grave ainda, é a acção perniciosa de certos dirigentes cooperativos que por razões várias, entram a realização de tais iniciativas, contribuindo assim para que se acentue mais o marasmo das «massas cooperadoras», e consequentemente comprometam de modo bem grave o progresso do nosso Movimento. Alegam esses tais, desejando justificar a atitude negativa face à preparação cultural dos associados, que o Movimento Cooperativo é somente de ordem económico-social, e embora *mostrando* não desprezar por completo o problema cultural, entendem que ele somente se poderá pôr depois da resolução dos problemas económico-sociais.

Ora isto é, quanto a mim, puro desconhecimento das realidades, e

## OS PIONEIROS DE ROCHDALE

Por MANUEL CLEMENTE DOS ANJOS  
(da Cooperativa Ajudense)

Muitos cooperativistas portugueses terão ouvido falar nos célebres pioneiros de Rochdale.

Mas alguns perguntarão: — quem foram eles?

Já, aqui há anos, nas colunas do Boletim Cooperativista, se focou este assunto.

Todavia, desde essa data, até hoje, a massa associativa das cooperativas tem aumentado consideravelmente e muitos desses associados não sabem quem foram os 28 bravos pioneiros que, numa pobre tenda do Beco do Sapo, em Rochdale, Manchester, Inglaterra, em 1844, organizaram a primeira cooperativa de consumo, pensando que desta maneira se libertariam da usura dos intermediários que pululavam, como cardumes, por toda a parte, na velha Albion.

Por isso, parece-nos ser conveniente dar a conhecer a todos os cooperativistas portugueses alguns dados biográficos de 28 homens que, pondo a funcionar um sistema económico-social de incalculável valor humano, surpreenderam o mundo e alguns dos mais eminentes economistas desse tempo, até aos dos nossos dias, entre os quais se destacou a nobilíssima figura de Charles Gide,



# B OLETIM COOPERATIVISTA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:  
Rua do Cruzeiro, 1 - Telef. 63 26 49 - Lisboa-3

COORDENADO POR  
ANTÓNIO SÉRGIO

N.º 132 / OUTUBRO / 1964  
Publicação mensal - Distribuição gratuita

## O Armazém Regional do Norte e a mentalização dos cooperadores

Por ERNANI RODRIGUES

A exemplo do que se faz há já muito tempo nos países cooperativamente mais evoluídos e de modo especial nos europeus, logo após o início da entrada em funcionamento do Armazém Regional a sua Direcção acarinhou a ideia da sua associada Cooperativa dos Maquinistas e Fogueiros para que se levasse a efeito uma visita às Adegas Cooperativas durante o período de fabrico de vinho, com o objectivo de proporcionar às massas associativas que constituem as Cooperativas de Consumo do Porto e arredores a verificação dos cuidados e condições técnicas adoptados actualmente pelo sector de produção agrícola no fabrico da nossa principal bebida.

Visita de grande e oportuna utilidade, para que cada cooperador tome conhecimento dos novos moldes em que se baseia presentemente a actividade do sector cooperativo agrícola, já agrupado numa proveitosa concentração, após o abandono de métodos criados e mantidos durante gerações, mercê

do individualismo arreigado que sempre ditou a sua lei, concentração que permite agora o aproveitamento dos diversos sub-produtos derivados da matéria prima, natural e orgânica, que nos fornece o vinho, essa bebida sã quando é pura, genuína, e usada com moderação.

Dentro desse espírito de formas conhecidos esses pormenores técnicos de fabrico, valorizando as massas cooperadoras, proporcionando-lhes a confiança de adquirirem produtos puros e garantidos como tal, o Armazém Regional do Norte, além de ter estabelecido interligação já fecunda com a produção cooperativa agrícola, escoando em larga escala os seus vinhos, com garantia absoluta de qualidade e pureza, elaborou uma circular — a sua primeira circular colectiva — e oficiou a 15 Cooperativas do Porto e arredores, dando-lhes conhecimento do seu propósito e da utilidade de levar ao conhecimento dos cooperadores e famílias o

cont. 12

## BALANÇO INDISPENSÁVEL

Por EMÍDIO SANTANA  
(do Ateneu Cooperativo)

A marca saliente do nosso tempo é a predominância da rápida evolução das estruturas económicas, e dois caminhos se divisam, segundo os condicionamentos sociais: a monopolização ou uma economia de associação.

Não interessa por agora pôr em evidência quanto o cooperativismo pode contribuir para a segunda tendência, atenuando os prejuízos da primeira, demonstrado na evolução e influência da cooperação internacional. Entre nós, como se processa uma aceleração da monopolização, põe-se em primeiro lugar o problema se o Cooperativismo tem energias para sair da sua hibernação num sistema ultrapassado e cumprir as suas responsabilidades como sistema económico de associação.

A nossa volta formam-se uniões de capital abrangendo vastos campos de acção, e, sobretudo, com a nossa lição de economia, eliminam-se as pequenas unidades económicas simplificam-os aparelhos administrativos, os sistemas de «stock», eliminam-se gastos de produção alcançando maiores mercados. Reu-

cont. 4

# B

# O LETIM COOPERATIVISTA

N



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:  
Rua do Cruzeiro, 1 - Telef. 63 26 49 - Lisboa-3

COORDENADO POR  
ANTÓNIO SÉRGIO

N.ºs 154/155 / AGOSTO/SET. / 1966  
Publicação mensal - Distribuição gratuita

## EDITORIAL

Sempre vimos nos Armazéns Regionais da UNICOOPE os pilares em que esta deve assentar a sua expansão como central abastecedora das Cooperativas filiadas.

Os factos felizmente vieram confirmar a influência dos Armazéns Regionais no desenvolvimento da UNICOOPE, o qual se traduz por números que já aqui pusemos em evidência.

Aos A. R. no entanto impõe-se a resolução de problemas criados pelo desenvolvimento que promovem. Com efeito, as instalações tornaram-se progressivamente mais acanhadas e, portanto, insuficientes e as respectivas Direcções são obrigadas a tomar medidas que permitam manter e mesmo acelerar aquele desenvolvimento.

É, portanto, com prazer e até entusiasmo que damos hoje a notícia de o Armazém Regio-

cont. 2

## PELA PRIMEIRA VEZ EM PORTUGAL UMA REUNIÃO COOPERATIVA INTERNACIONAL

Quase de surpresa os cooperadores portugueses receberam a novidade: realizou-se em Portugal a Conferência Latino-Americana sobre Integração Cooperativa. De

A Conferência Latino-Americana sobre Integração Cooperativa

cont. 10



No início da Conferência: Faustino Cordeiro saúda os participantes. Da esquerda para a direita: a secretária da Conferência, J. W. Ames, Faustino Cordeiro, Fernando Moreira; director da Unicoope, e António Domingo Menendez, da Argentina





# B OLETIM COOPERATIVISTA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
Rua C 3, Lote 300-A — Olivais-Sul — LISBOA

COORDENADO POR  
ANTÓNIO SÉRGIO

N.º 158 / Dezembro / 1966  
Publicação mensal — Distribuição gratuita

Uma data inesquecível do Movimento Cooperativo Português

## EM 19 DE DEZEMBRO DE 1955 FOI FUNDADA A UNICOOPE

A fundação da UNICOOPE, há 11 anos, marcou o início de uma caminhada para a frente da Cooperação de Consumo no nosso país. Até então as Cooperativas de Consumo não haviam estabelecido, praticamente, compromissos de unidade entre si, salvo no curto período das Juntas de Compras.

No entanto existiam entre elas relações de amizade que tinham a sua maior expressão nas sessões comemorativas dos seus aniversários; nisto, pode dizer-se, resumiam-se os encontros entre os dirigentes das Cooperativas de Consumo.

Assim, ainda em 1955, estas Cooperativas viviam alheadas do panorama que se acentuava no comércio de víveres.

O após-guerra fora acompanhado de um extraordinário desenvolvimento do comércio, consequência, por um lado, do esforço de recuperação industrial e, por outro lado, do aumento do nível dos salários nos países mais industrializados. Multiplicaram-se as grandes empresas do comércio a retalho, denominadas «Super-mercados». Apoiadas

no capital financeiro e utilizando novas técnicas de distribuição — o auto-serviço e a pré-embalagem — viriam ao encontro do interesse do consumidor em ganhar tempo na operação da compra e em adquirir produtos de modo mais higiénico

porque previamente embalados. Além disto, em muitos países, tendo conseguido reduzir o preço de custo, com as suas compras mais volumosas efectuadas directamente à produção e ainda por terem menores

*Continua na pág. 2*

# UNICOOPE



## 19-12-1955





# B OLETIM COOPERATIVISTA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
Rua C, 3, Lote 300-A — Olivais-Sul — LISBOA-6

COORDENADO POR  
ANTÓNIO SÉRGIO

N.º 170

Janeiro 1968

Publicação mensal — Distribuição gratuita

## A HABITAÇÃO PARA TODOS PROBLEMA NACIONAL

A habitação é uma necessidade fundamental à condição do homem. Sem ela não há vida familiar válida pois é dentro dela que a célula familiar se desenvolve e se enriquece daqueles aspectos que contribuem para a estabilidade de um país. E se por toda a parte se considera que a família é a unidade fundamental na estrutura dos países não há dúvida que família sem habitação é algo sem sentido. Em Portugal, como aliás em muitos países, o problema habitacional põe-se com uma agudeza cada vez mais acentuada. Por isso parece-nos ser útil criar-se uma consciência colectiva do problema de modo a todos procurarmos soluções para ele. O Movimento Cooperativo sempre se preocupou com a estabilidade da família e uma das finalidades das primeiras Cooperativas era exactamente a obtenção de habitações capazes para os seus associados. Com o andar dos tempos criou-se em muitos países um sector cooperativo de habitação tendo atingido, nalguns, lugar de relevo como solução justa e prática para ir de encontro às necessidades cada vez mais prementes de habitações capazes.

Numa altura em que uma catástrofe enlutou o País e atingiu tantos milhares de pessoas mal alojadas é tempo de meditarmos todos nas nossas responsa-

bilidades perante este problema nacional.

Será sentimental e comovedor verter algumas lágrimas perante a desgraça de tantos, dar mesmo auxílio material imediato às vítimas, mas será ainda mais importante pensarmos todos, desde os responsáveis até ao mais humilde cidadão, de que é preciso trabalhar na busca de soluções para a carência cada vez mais acentuada de habitações. A solução cooperativa poderá ser uma delas e por isso aqui estamos a chamar os cooperadores ao problema.

### NESTE NÚMERO:

- UMA COOPERATIVA DISTRIBUIDORA DE JORNAIS
- PÁGINA AGRÍCOLA
- ANIVERSÁRIO DA COOPERATIVA DE RAMALDE
- A EDUCAÇÃO MISTA
- COOPERADORES CONSCIENTES — META A ATINGIR EM ESPECIAL

**SUPLEMENTO  
ESPECIAL  
DEDICADO  
À  
HABITAÇÃO**

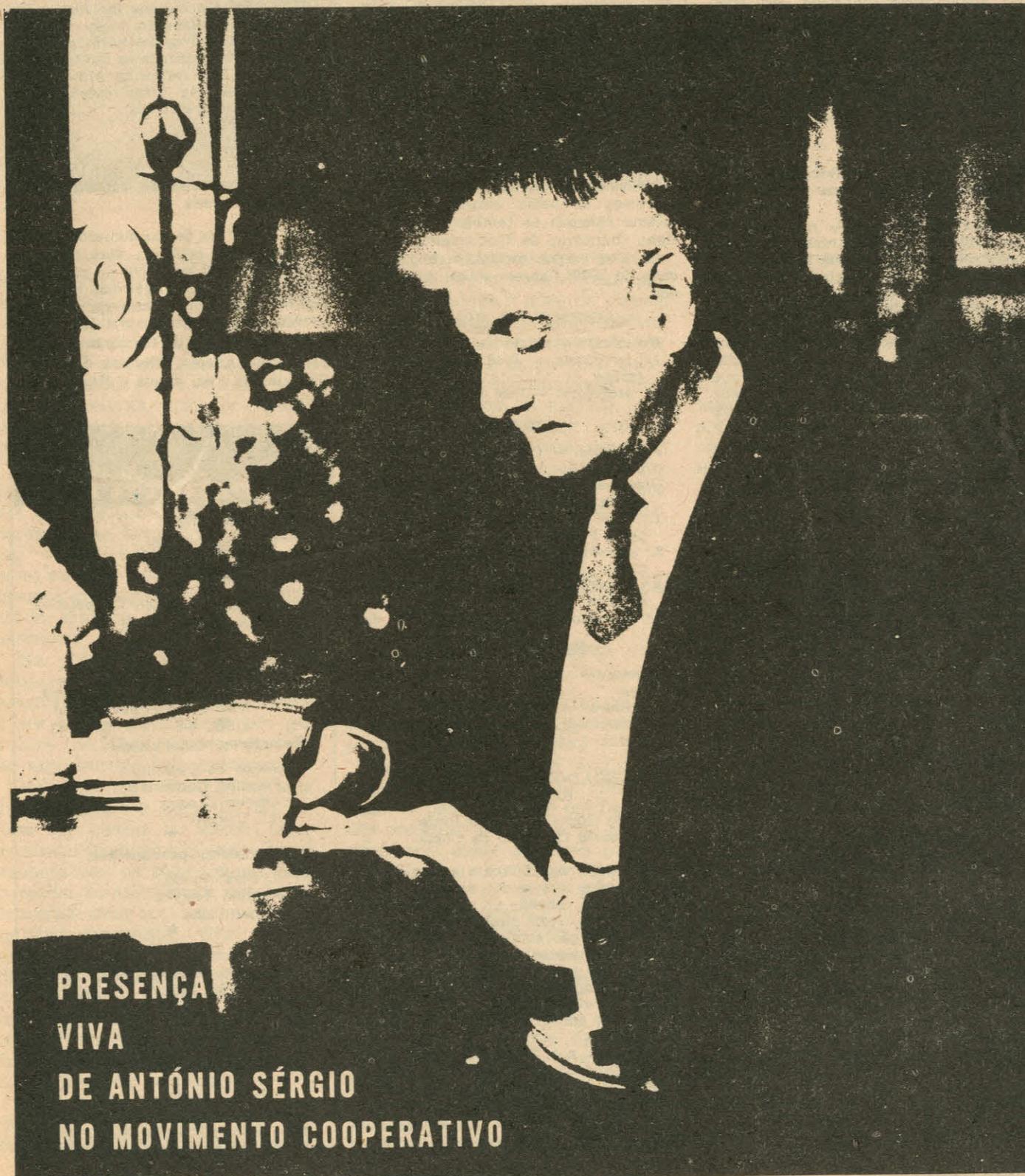




FUNDADO POR ANTÓNIO SÉRGIO

N.º 194/195 • Janeiro/Fevereiro 1970

# boletim COOPERATIVISTA



**PRESENÇA  
VIVA  
DE ANTÓNIO SÉRGIO  
NO MOVIMENTO COOPERATIVO**

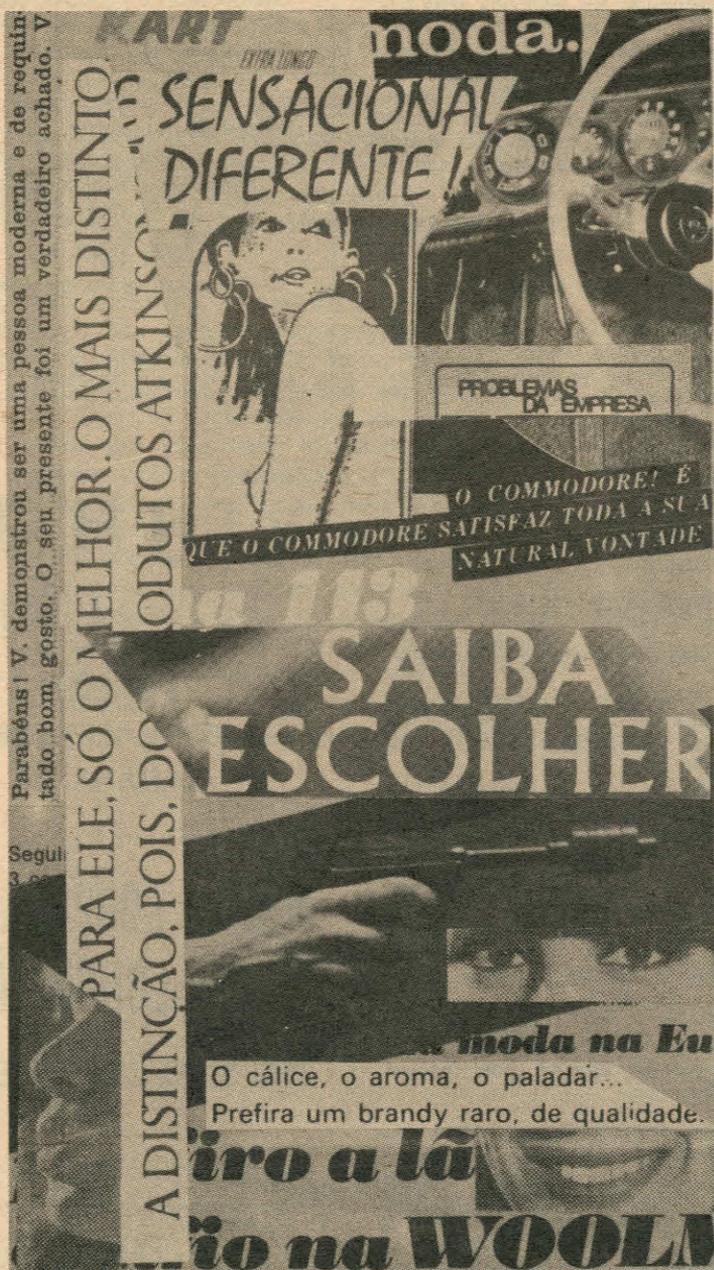




FUNDADO POR ANTÓNIO SÉRGIO

N.º 198 • Maio 1970

# boletim COOPERATIVISTA



- PSEUDO COOPERATIVISMO
- DEPOIMENTO PARA A INTEGRAÇÃO COOPERATIVISTA
- BAIROS DE LATA — ATÉ QUANDO?
- PUBLICIDADE PUBLICIDADE PUBLICIDADE...
- O PROBLEMA DOS CICLAMATOS





FUNDADO POR ANTÓNIO SÉRGIO

N.º 201 • AGOSTO 1970

# boletim COOPERATIVISTA



No rés-do-chão deste edifício começará a funcionar no próximo mês de Setembro o primeiro supermercado cooperativo português aberto a todos os consumidores.

## PERIGOSA ILUSÃO

POR HOJE EM DÚVIDA A NECESSIDADE DE UMA FORTE INTEGRAÇÃO DAS COOPERATIVAS DE TODOS OS RAMOS DE COOPERAÇÃO É PERIGOSA CEGUEIRA QUE SÓ PODE CONDUZIR-NOS AO AMORTECIMENTO E À DESVALORIZAÇÃO DA ACÇÃO DAS COOPERATIVAS NA ECONOMIA PORTUGUESA. DE FACTO NÃO SE COMPREENDE QUE AINDA HAJA GENTE INGÉNUA QUE SUPONHA PODEREM PEQUENAS EMPRESAS COMO SÃO AS ACTUAIS COOPERATIVAS AGRÍCOLAS, DE CONSUMO OU DE HABITAÇÃO CONTINUAR A EXISTIR NUMA ECONOMIA ONDE AS EMPRESAS NÃO-COOPERATIVAS CONTINUAMENTE SE AGRUPAM EM UNIDADES MAIORES. NUMA SITUAÇÃO COMO A NOSSA — EM EVOLUÇÃO RÁPIDA — MEIA DÚZIA DE ANOS TÊM UMA IMPORTÂNCIA GRANDE E ASSIM AS IDEIAS TÊM DE CONTINUAMENTE ACOMPANHAR AS REALIDADES. AS COOPERATIVAS DE CONSUMO, POR EXEMPLO, TINHAM ESTADO SEMPRE NA VANGUARDA ATÉ HÁ BEM POUCO TEMPO, MAS A REALIDADE DE HOJE DIZ-NOS QUE SE OS SEUS DIRIGENTES NÃO FIZEREM UM ESFORÇO DE ACTUALIZAÇÃO BUSCANDO UM CAMINHO DE INTEGRAÇÃO MAIS DIRECTO, TUDO PODE SER PERDIDO. E A MAIS PERIGOSA ILUSÃO SERÁ A DE PENSAR QUE O REGRESSO A MÉTODOS ANTIQUADOS PODE IMPEDIR A DECADÊNCIA E QUANDO AQUELA SE DISSIPAR PODERÁ SER TARDE...

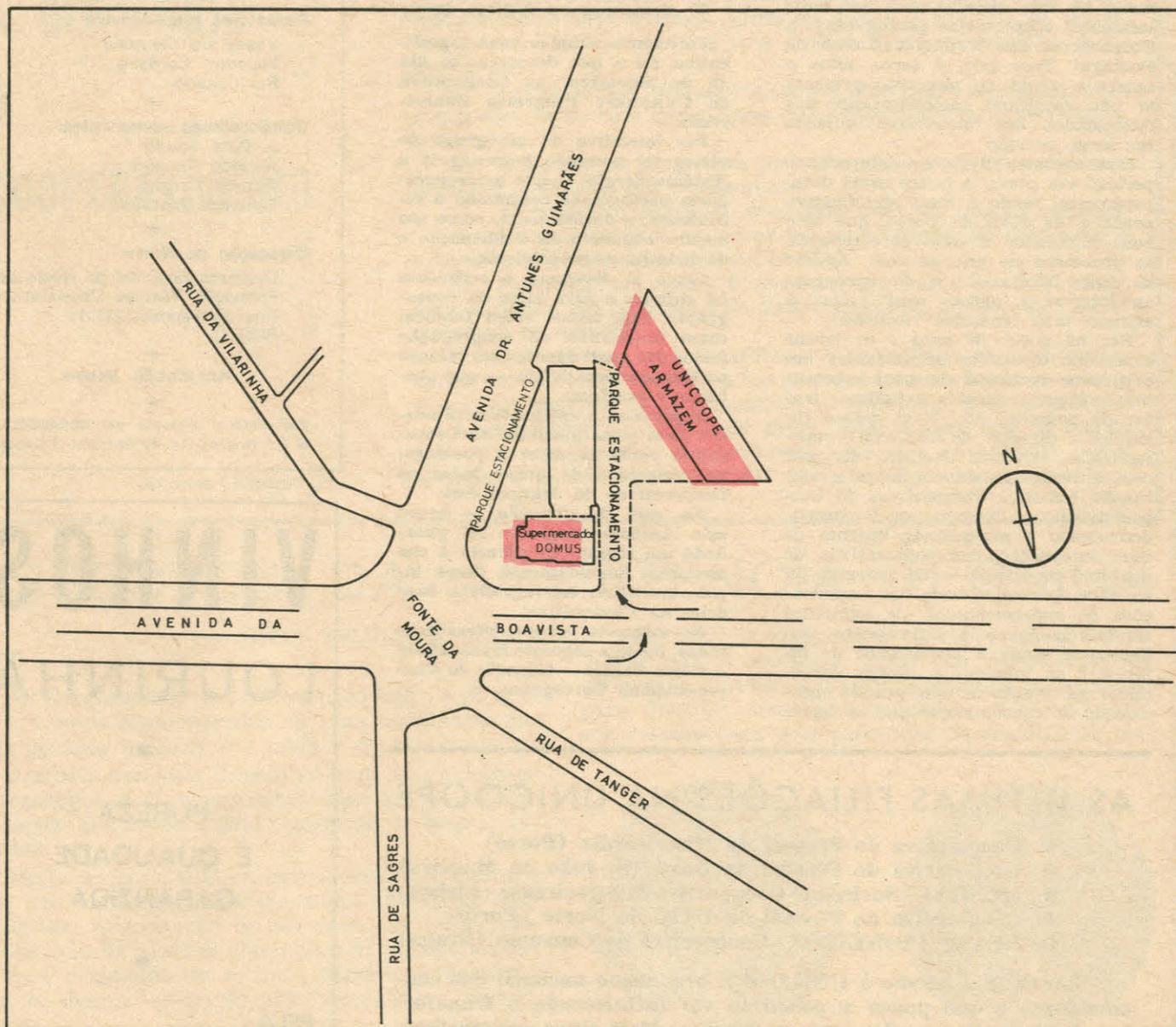




FUNDADO POR ANTÓNIO SÉRGIO

N.º 203 • OUTUBRO 1970

# boletim COOPERATIVISTA



Conforme tem sido noticiado em «B. C.» anteriores, a Unicoope vai abrir o primeiro Supermercado Cooperativo Domus. Melhor dizendo: no momento em que o «B. C.» chegar às mãos dos cooperadores ele já foi inaugurado — a 10 do presente mês de Outubro. O desenho da capa ilustra a sua posição em relação às artérias da cidade do Porto



FUNDADO POR ANTÓNIO SÉRGIO  
N.º 206 • JANEIRO 1971

# boletim COOPERATIVISTA

## O VERDADEIRO CAMINHO DA INTEGRAÇÃO



*A mesa da Assembleia Geral extraordinária da Unicoope*



*Um aspecto da Assembleia*

### Assembleia Geral Extraordinária da Unicoope

No dia 19 de Dezembro, pelas 21.30 horas, efectuou-se no Armazém Regional do Norte, na cidade do Porto, uma Assembleia Geral Extraordinária da UNICOOPE.

A Mesa da Assembleia Geral era constituída pelos Srs. Eng.º Capelo Veloso, presidente, José da Luz Sara-mago e Manuel Azevedo, secretá-rios.

O Sr. Eng.º Capelo Veloso abriu a sessão saudando os novos delegados que pela primeira vez se encontravam reunidos com os delegados de coope-rativas de todo o País, aproveitando para fazer um historial do movimento cooperativo e da UNICOOPE que nesse mesmo dia completava o seu 15.º ani-versário.

A ordem de trabalhos era consti-tuída essencialmente por três pontos considerados como fundamentais para uma modernização e expansão do Mo-vimento Cooperativo face a uma ne-cessidade urgente de aumentar e dis-tribuir estrategicamente os seus postos de vendas de bens de consumo. Neste sentido o primeiro ponto, com que se abriu a Sessão, foi a apresentação de uma proposta de contracção de um em-préstimo de 3000 contos à Caixa Geral de Depósitos que se destinariam à cria-ção de quatro postos de distribuição na zona de Lisboa e a fazer face a despesa de manutenção relacionadas com o Supermercado DOMUS, na ci-dade do Porto, inaugurado no passado mês de Outubro.

O Eng.º Eugénio Mota, presidente

*(Continu na pág. central)*

